

RESENHA

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, LETRAMENTOS DE RESISTÊNCIA E FORMAÇÃO DOCENTE

COSTA, R. D. C.; SANTOS, E. C.; SILVA, K. A. (Org.). *Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente*. 1. ed. Campinas: Editora da ABRALIN, 2021. v. 1.000. 432p. ISBN 978-85-68990-10-0.

Juliana Harumi Chinatti Yamanaka | [Lattes](#) | julianalapsis@gmail.com
Universidade de Brasília

Resumo: No contexto do aprofundamento das exclusões impostas pela crise do capital, buscamos alternativas para a promoção de identidades diversas, o reconhecimento das diferenças, bem como a construção de práticas educacionais mais justas e solidárias (FLEURI, 2007). Para tratar dessas questões, apresento o livro *Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente*. Trata-se de uma coletânea composta por 13 artigos de educadores-pesquisadores que focam em experiências do chão de sala de aula, sejam elas do ensino básico ou do ensino superior.

Palavras-chave: Educação intercultural; Letramento; Formação de professores.

Abstract: In the context of the deepening of exclusions imposed by the crisis of capital, we seek for alternatives for promoting different identities, recognizing differences, as well as building fairer and more solidary educational practices (FLEURI, 2007). To address these issues, I present the book *Intercultural Education, Resistance Literacy and Teacher Training*. It is a collection composed of 13 articles by educators-researchers who focus on experiences on the classroom floor, whether in primary or higher education.

Keywords: Intercultural education; Literacy; Teacher training.

Reflexões para a superação deste sistema-mundo, que articula estruturas de controle das relações sociais, bem como dos modos de saber, de poder e de ser, apenas podem ser encontradas em esforço capaz de reconhecer as diferenças ao mesmo tempo que se fortalecem nas coletividades (YAMANAKA, 2021). É por isso que educação intercultural, letramento e formação docente se apresentam como alternativas para promoção de

identidades diversas, reconhecimento das diferenças, bem como construção de práticas educacionais mais justas e solidárias no contexto do aprofundamento das exclusões impostas pela crise do capital (FLEURI, 2007).

É sobre esses três eixos que Rodriana Dias Coelho Costa¹, Edinei Carvalho dos Santos² e Kleber Aparecido da Silva³ organizam juntos o título *Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente*, publicado em 2021, com 432 páginas, pela Editora da ABRALIN. Assinam prefácio e posfácio nada menos que Kanavillil Rajagopalan e Wilmar da Rocha D'Angelis. Trata-se de uma coletânea composta por 13 artigos de educadores-pesquisadores de diferentes regiões do Brasil que focam pesquisas e relatos pedagógicos construídos a partir de experiências do chão de sala de aula, seja ela do ensino básico ou do ensino superior, com foco em grupos minorizados (assentamentos rurais, cárcere, comunidades ciganas e quilombolas).

A primeira parte do livro, cujo foco reside na educação intercultural e na formação docente, é composta de oito capítulos que versam sobre os conflitos entre o ideal da pluralidade e a hegemonia de práticas particulares ocidentalizadas. E é Rosilene Cruz de Araújo, docente da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), quem faz as honras ao introduzir “*O currículo enquanto espaço de construção da identidade e diálogo de saberes indígenas*”. O artigo materializa reflexões elaboradas pela autora enquanto gestora, docente e pesquisadora indígena que buscou compreender e propor direcionamentos para uma Educação Escolar Específica e Intercultural do estado da Bahia amparada nas demandas e nos valores das comunidades indígenas. Em contraste com escolas tradicionais pautadas numa noção de indivíduo, a construção do saber e das práticas sociais para uma educação indígena está apoiada em caráter coletivo que atravessa noção de sujeito coletivo de direitos. Por esse motivo, para a autora, é adequado “um currículo aberto, que seja continuamente desenhado e redesenhado pelo próprio povo, de modo autônomo” (COSTA; SANTOS; SILVA, 2021, p. 31).

¹ Rodriana Dias Coelho Costa é doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB) tendo realizado doutorado-sanduíche na Università Degli Studi G. D'annunzio-Pescara, Itália. Atuou como professora no Curso de Educação Indígena Intercultural, da Universidade Federal de Goiás (UFG), na área de português como Segunda língua/Língua adicional. Atualmente, é professora de Língua portuguesa e literatura no Instituto Federal de Goiás (IFG).

² Edinei Carvalho dos Santos é doutor em Linguística também pela UnB no eixo Língua, Interação Sociocultural e Letramento. Com experiência docente na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SED-DF), mais especificamente na área de Educação de Jovens e Adultos (EJA), atualmente é Técnico em Assuntos Educacionais na Fundação Universidade de Brasília (FUB/UnB) onde atua no apoio pedagógico aos estudantes, bem como no desenvolvimento de estratégias de aprendizagem.

³ Kleber Aparecido da Silva é doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), docente na UnB e também do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens, Cultura e Linguagens na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e do Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Tocantins (UFT). Atualmente, coordena o Grupo de Estudos Críticos e Avançados da Linguagem (GECAL).

Seguindo a linha anterior, no segundo capítulo, intitulado “*Corrida de toras: jogo didático para um ensino intercultural*”, Elisa Augusta Lopes Costa, docente da Universidade Federal do Pará (UFPA), propõe educação lúdica intercultural por meio de jogos que unem elementos da cultura Krahô e de cultura não indígena. De perspectiva sociointeracionista, Costa compartilha parte da experiência vivida em oficina interventiva realizada numa escola indígena do norte do estado do Tocantins cujo objetivo foi capacitar docentes para uso de recursos alternativos. O caso particular do jogo Corrida de Toras promoveu “o entendimento e o respeito entre culturas diferentes, mesclando experiências socioculturais e linguísticas diferentes sem considerar uma cultura superior à outra” (COSTA; SANTOS; SILVA, 2021, p. 75), atendendo à recomendação do *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*.

Em um relato instigante sobre o povo Chiquitano das comunidades de Acorizal e Fazendinha, no Mato Grosso, a docente do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) Ema Marta Dunck Cintra dá continuidade à educação intercultural no terceiro capítulo “*Educação intercultural e currículo: no projeto político-pedagógico, o reencontro com a ancestralidade, a identidade e o ser indígena*”. O artigo perpassa a história de um povo aviltado e silenciado por processos de colonização, que, sob o questionamento de sua identidade indígena e sob risco de ser expulso de suas terras, encontra na construção de projeto-político-pedagógico uma forma de promoção e resgate de sua língua materna e sua cultura.

O quarto capítulo “*Interculturalidade e educação escolar indígena em nível superior*” é um oferecimento de Maria Gorete Neto, docente da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), para a reflexão sobre o conceito de interculturalidade que surge com suas experiências no curso de licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas. A partir de perspectiva decolonial, a pesquisadora aponta como documentos orientadores da educação escolar indígena se centram em noção como diálogo, tolerância e convivência harmônica negligenciando relações de poder, assimetrias e desigualdades entre culturas.

Assinado por Nubiã Tupinambá (Núbia Batista da Silva), o capítulo seguinte tem o objetivo de refletir sobre “*O lugar de pertencimento étnico na UnB: um olhar discursivo crítico da diversidade*”. O recorte da dissertação de mestrado visa discutir pertencimento por parte de estudantes indígenas frente ao não reconhecimento da diversidade étnica presente em uma Universidade. Para isso, perpassa tópicos como conhecimentos ancestral e acadêmico, diversidade étnica, adaptação, exclusão e inclusão. Em seu trabalho, a pesquisadora recupera experiências indígenas que se mesclam à sua própria voz para de-

bater interculturalidade, bem como políticas de inclusão no âmbito do ensino superior.

Os organizadores da coletânea, Rodriana Dias Coelho Costa e Kleber Aparecido da Silva, apresentam o sexto capítulo “*Interculturalidade e educação indígena no contexto brasileiro: algumas reflexões*” no qual relatam experiências pedagógicas com estudantes indígenas do curso de Educação Intercultural Indígena na UFG. O estudo analisa oficina de produção textual na qual o tipo dissertativo-argumentativo sob o gênero carta é trabalhado para o ensino de português do Brasil como língua adicional.

Com escrita envolvente, no sétimo capítulo chamado “*Tem momentos que a gente tem que se comportar como tal: práticas de letramentos com uma acadêmica indígena akwẽ xerente*”, Suety Líbia Alves Borges apresenta parte de sua tese de doutorado realizada na UFG e escrita, como ela mesmo afirma, a mais de duas mãos. Em parte de seu relato, ecoa voz autoral da colaboradora da pesquisa Eneida Brupahi Xerente, indígena da Aldeia Funil do estado do Tocantins que juntamente com a autora constrói a narrativa sobre letramento no nível superior. Borges e Eneida provocam reflexões, questionam definições e ampliam nossa compreensão sobre o conceito de letramento e, conseqüentemente, sobre posturas docentes que frequentemente se erigem em contraposição à oralidade.

Para encerrar o eixo que trata da educação intercultural e da educação para a diversidade, Áurea Cavalcante Santana, docente da Universidade Federal Mato Grosso (UFMT), brinda-nos com o oitavo capítulo “*Educação indígena e os desafios na formação linguística dos professores – relato de experiências*”. Este último trabalho compartilha reflexões que tiveram origem em cursos de formação de professores no Projeto Hayô. Apesar das diferenças nas realidades vivenciadas, de modo geral, a autora observa que educadores indígenas dividem demandas comuns por “conhecimento linguístico/sistêmico, fortalecimento, manutenção, resgate e inserção das línguas étnicas na escola” (COSTA; SANTOS; SILVA, 2021, p. 222).

A segunda parte do volume, dirigida às experiências de letramento voltadas para o contexto de ensino intercultural, bem como às práticas de letramento de resistência em um conjunto de contextos minorizados (assentamentos rurais, cárcere, comunidades ciganas e quilombolas) é aberta por Maria Aparecida de Sousa. A docente da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEDF) nos presenteia com o nono capítulo intitulado “*Letramentos: a escrita no cárcere*” no qual busca compreender o lugar da escrita produzida por mulheres privadas de liberdade. Nesse contexto, a autora relata que “valores de solidariedade, afetividade, lealdade estão na base da organização de pequenos grupos ou pares que interagem por meio da escrita” (COSTA; SANTOS; SILVA, 2021,

p. 259). Dessa forma, letramentos desempenham papel nos processos de resistência à instituição restritiva e também de reexistência na elaboração de novos projetos de vida.

Continuando nessa temática, o décimo capítulo, “*A escrita de pessoas privadas de liberdade: o letramento como reexistência*”, é resultado da dissertação de mestrado de Amanda Moreira Tavares, sob orientação de Tânia Ferreira Rezende, docente da UFG. No contexto da restrição de liberdade, as autoras consideram o letramento como uma estratégia de resistência ao silenciamento, bem como uma forma de reexistir diante de um sistema penitenciário racista e classista.

O décimo primeiro capítulo, “*Letramentos de resistência em contexto de luta por terra e território na Chapada do Apodi norte-rio-grandense*”, é o trabalho conjunto de Glícia Azevedo Tinoco e Adriana Vieira das Graças. Nele descrevem práticas de letramento que visam resistir à tentativa de desapropriação de terras de famílias na Chapada do Apodi, Rio Grande do Norte. A pesquisa relata o protagonismo de mulheres na defesa de si e na proteção de suas terras que transforma um problema local em uma luta coletiva de dimensão internacional.

O penúltimo capítulo é também mais um esforço conjunto de Maria Marlene Rodrigues da Silva e Rosineide Magalhães de Sousa, ambas da UnB, para tratar de grupo marginalizado e discriminado por sua língua-cultura: os ciganos. “*Letramentos e variação linguística em contexto cigano*”, título do décimo segundo capítulo, é uma pesquisa conduzida em duas comunidades ciganas situadas no Distrito Federal, mais especificamente em Planaltina e em Sobradinho. Nela as autoras buscam mostrar a relação entre usos especializados da língua e possibilidades de resistências.

Para fechar a obra com mais um exemplo de pesquisa sobre letramentos em contextos minorizados, os organizadores Edinei Carvalho dos Santos e Kleber Aparecido da Silva nos apresentam com o título “*Práticas e eventos de letramentos em contextos de luta e resistência: uma experiência etnográfica no quilombo Mesquita-Goiás (GO)*”. O capítulo mostra como atores sociais de uma comunidade de matriz africana se engajam em múltiplas práticas e atribuem distintos significados à leitura e à escrita.

Como bem indica Wilmar da Rocha D’Angelis, este é um livro de autores, que embora se apresente como uma unidade projetada pelos organizadores, cada capítulo representa uma unidade única e singular diante de todo o conjunto da obra. A obra se destaca por exibir a vitalidade de certas abordagens críticas no campo dos Estudos da Linguagem; apresentar inúmeros contextos de pesquisa sobre letramentos e dar sinais sobre a produção científica em universidades de diferentes regiões do Brasil, especialmente

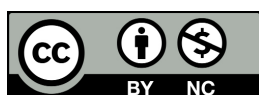
aquelas situadas no Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país. Representa esforço coletivo de construção do conhecimento, de produção de novas práticas pedagógicas e projeção de futuros possíveis em favor de grupos excluídos, práticas invisibilizadas e saberes apagados que formam parte do grande caldeirão da cultura brasileira.

Referências

COSTA, R. D. C.; SANTOS, E. C.; SILVA, K. A. (Orgs.). *Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente*. Campinas: Editora da ABRALIN, 2021.

FLEURI, R. M. *Desafios à Educação Intercultural no Brasil*. PerCursos, v. 2, p. 1–14, 2007.

YAMANAKA, J. H. C. Resenha. RESENDE, Viviane de Melo. (Org.). *Decolonizar os estudos críticos do discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. 202p. ISBN - 978-852170-184-2. *Discurso & Sociedad*, v. 15, p. 528–535, 2021.



Data de submissão: 11/10/2021

Data de aceite: 28/08/2022